

Elísio Estanque e Coimbra

Chegou à cidade dos estudantes em 1985 com um diploma de Sociologia. Continua a dar aulas, a investigar, a tentar perceber como a sociedade funciona e pensa. Vestiu a bata de operário numa fábrica de calçado na sua tese de doutoramento.

Hoje, o sociólogo e investigador anda de bicicleta no Choupal.

Sara Dias Oliveira (texto) e Adriano Miranda (fotos)

Q

uando era miúdo não tinha pressa de pensar o que queria ser na idade adulta. Cresceu nos campos a perder de vista do Alentejo, em Rio de Moinhos, Aljustrel, onde nasceu em Fevereiro de 1952. Ia a pé para a escola primária, brincava na rua, jogava à bola, ia aos ninhos e apanhava rãs. Em duas palavras descreve: “liberdade absoluta”. A casa onde morava tinha quintal, galinhas, coelhos, pombos e, por vezes, aves selvagens que ali punham as patas sem medo. “Na-

quela época, o sonho de uma criança não se pautava pelos mesmos referenciais da actualidade.”

Seriam a experiência e a sociedade, o seu objecto de estudo, que lhe mostrariam o caminho a seguir e que o levariam a Coimbra, à cidade dos estudantes, em 1985. Continua a dar aulas na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Ensina, investiga, escreve e comenta a actualidade. Com o passar dos anos, não perdeu o “travo” alentejano na maneira como pronuncia algumas palavras.

Coimbra tem chão com muitas histórias. Os movimentos estudantis, a organização das repúblicas, a maneira de pensar dos universitários de ontem e de hoje são assuntos que lhe interessam e que analisa à luz dos mecanismos que a sociologia lhe dispõe sobre a mesa. Não foi por acaso que marcou o encontro com a Fugas na Porta Férrea da Universidade de Coimbra, como se ali estivesse condensada toda a importância que a vida académica representa. Explica que ali, naquela entrada para o

extenso pátio da universidade, os caloiros estão protegidos das praxes académicas. Cortamos à esquerda, descemos em direcção à Baixa, que garante estar mais animada com os estudantes, passamos pelas traseira da Sé Velha. O Quebra-Costas é ponto obrigatório. Tem por ali amigos e um bar que passa jazz. “Muito interessante, tem uma atmosfera muito agradável.” O passeio que se tornou obrigatório para turistas é, na sua visão cirúrgica, muito mais do que isso. É a ligação entre o mundo ►





académico e a zona comercial da cidade. A passagem de um lado, onde se aprende a pensar, para o outro, onde se aprende a viver.

No meio do vulcão

A sua Coimbra tem passeios pela Baixa da cidade, circuitos de bicicleta no Choupal, tranquilidade, teatro, cinema, actividades culturais, o café Santa Cruz, leitura dos jornais em papel, jantares de curso, conversas com professores, universidade – aquela universidade que “investe em ensinar a pensar”. Coimbra também é sua. “Coimbra não é uma província, está mais perto de Londres do que muitas outras cidades”, refere, recusando visões afuniladas. E troca as voltas à frase feita. “Coimbra também tem encanto na hora de chegada.” Sempre foi assim.

Deixou o Alentejo no início da adolescência. Aos 13 anos, partiu para o Algarve, frequentou o Liceu Nacional de Faro. Aos 16, chegava a Lisboa para trabalhar e estudar. A família acreditava que ali poderia estar um futuro melhor para quem tinha o mundo pela frente. Entrou numa empresa da área de electricidade como paquete. Era o moço de recados, distribuía a correspondência. Deixou crescer o cabelo, vestia calças à boca-de-sino, tornou-se activista sindical e pertenceu a vários movimentos sociais no período quente da revolução de Abril. “Não tinha nenhuma actividade política organizada antes do 25 de Abril”, recorda. Mas era impossível passar ao lado de tudo o que acontecia. E era muita coisa. “Estávamos lá, no meio do vulcão.” Interessavam-lhe os valores da solidariedade e da partilha. “Percebíamos que havia um regime violento, um aparelho repressivo, pronto a cair em cima de alguém que estivesse contra o sistema”, recorda. O irreverente Elísio Estanque tinha um pensamento rebelde, presentia que algo iria mudar no país. E mudou. “Acreditávamos que íamos mudar a sociedade e construir o paraíso.” Os sonhos eram esses, mas a realidade tinha demasiados grãos de areia na engrenagem.

Há momentos marcantes na vida de um sociólogo mesmo antes de o ser. Quando chegou a Lisboa, os ecos dos anos 1960 estavam a chegar à capital portuguesa. “A cultura, a música, a irreverência juvenil. Os



sinais de uma onda cultural europeia estavam a chegar a Lisboa”, lembra. Os anos de Abril também não se esquecem. Portugal, nessa altura, era uma referência internacional. Havia quem viesse de fora para ver o que se estava a passar, estudar uma transição que andava nas ruas. “Portugal estava a mostrar à Europa um novo modelo social, político, cultural.” Elísio Estanque, então militante da UDP, recebeu um casal francês e levou-o a uma das reuniões. Não correu bem. Desconfiaram que os franceses tinham sido enviados pela CIA. Este detalhe obrigou-o a redefinir conceitos. “O clima de suspeição pode resultar num clima opressivo.” Começou então a distanciar-se de um certo dogmatismo marxista e leninista. “Percebi que o discurso era uma coisa e a prática era outra.”

Os anos passaram e hoje ainda diz aos seus alunos que as experiências intensamente vividas antes e depois do 25 de Abril foram determinantes para a escolha do seu caminho profissional. Decidiu que queria estudar Sociologia, numa altura em que a disciplina ainda era pouco conhecida no país. Queria perceber como a sociedade se organizava, o seu funcionamento, ver de outros ângulos maneiras de pensar e de agir. Tornar objectiva a subjectividade. “Primeiro, temos de ganhar objectividade e consciência do que são os problemas da sociedade. A sociedade não é uma coisa que paira no ar. Nós estamos na sociedade e a sociedade está em nós.”

Entrou no ISCTE em 1981. Trabalhava e estudava ao mesmo tempo. “Desde sempre, tive uma enorme curiosidade em perceber o funcionamento da sociedade e o comportamento das pessoas.” Encontrou uma área com as ferramentas adequadas para uma investigação sustentada. Por aí ficou até hoje.

As notas da faculdade espelhavam o seu interesse, a curiosidade, o apetite por espreitar por dentro a forma como as classes sociais se movimentavam e os modelos se enquadravam. “Na parte final do curso, percebi que tinha outras oportunidades.” Percebeu que poderia mudar de vida, tentar singrar nesse percurso e abandonar os empregos como administrativo em empresas do sector da electricidade. As can-

“Coimbra não é uma província, está mais perto de Londres do que muitas outras cidades”

didaturas para dar aulas na universidade abriram em Coimbra e essa era a oportunidade.

Elísio Estanque não se importava de voltar a fazer as malas. Em 1985, deixou Lisboa e chegou à cidade dos estudantes para dar aulas de Sociologia na universidade. “Coimbra tinha, como ainda tem, uma certa aura”, garante. Entrou no CES - Centro de Estudos Sociais. Contribuiu para a sua dinâmica e orgulha-se desse centro de referência internacional que, neste momento, tem 120 investigadores.

“Dar aulas é uma parte ínfima comparada com as restantes responsabilidades e obrigações que temos, nomeadamente na investigação.” Nunca se arrependeu de ter

deixado a capital. “Foi uma possibilidade que surgiu”. Coimbra é hoje a sua casa, embora ainda mantenha um apartamento em Lisboa. A filha, bióloga, é o pretexto para voltar ao Alentejo, não o da sua infância, mas a Castro Verde.

Fé no país e na juventude

Continua a tentar viver a vida dos outros porque a sociologia também é isso. “Perceber o mundo dos outros e até certo ponto vivenciá-los.” Perceber a diferença para ganhar a objectividade para entender como as sociedades mudam. Foi isso que fez em meados dos anos 1990, quando quis perceber como funcionava o mundo do calçado. Partiu para São João da Madeira, vestiu a bata de

operário e esteve três meses numa linha de produção. Falou com os funcionários para analisar os seus problemas, ansiedades, preocupações. O método que utilizou, de vestir a pele dos trabalhadores que queria estudar, foi considerado inovador e um exemplo na altura. Tornou-se uma referência.

O que mais o surpreendeu durante esse trabalho de doutoramento foi, no fundo, uma confirmação. “Como as clivagens, como essas oposições entre as principais classes sociais, são uma realidade objectiva que transcende a própria consciência das pessoas.” Estudou o calçado, a vida dos trabalhadores e os seus problemas. A sua tese foi avaliada por Boaventura Sousa Santos. Teve

Muito Bom com distinção e louvor. Acabaria por publicar o livro *Entre a Fábrica e a Comunidade*, que relata essa experiência. O pormenorizado diário de campo que fez na ocasião tem matéria para pelo menos mais uma publicação.

Elísio Estanque comenta a actualidade na televisão, nos jornais, na rádio. Sem intervenção política activa, diz que se situa entre o PS de esquerda e o BE de esquerda, é crítico dos abusos de poder, rejeita seguidismos e alinhamentos cegos. Defende a intervenção na vida pública. “Há uma situação que é difícil para todos, há uma política que está a empurrar-nos para trás e para o fundo.” Na sua opinião, a receita da austeridade cozinhada por Angela Merkel

não está a dar resultado. Prevê que o actual Governo não tenha muito tempo de vida, defende que se encontrem soluções mais ponderadas para que não haja um ruptura social. A obsessão pela austeridade, a lógica hiper-liberal, os dirigentes com pouca consciência social, poderão arruinar a coesão social de um país.

Mesmo assim, o investigador acredita no país e na juventude que está a sair das universidades. Promete continuar irreverente e a pensar a sociedade. Este ano, publicou o livro *A Classe Média: Ascensão e Declínio*. Em Janeiro, parte para o Brasil, parceiro a vários níveis da Universidade de Coimbra, onde pretende investigar as diferenças entre as classes médias dos dois países.